

bres. Estranho gosto, concordo, porém, depois da morte dela, eu gostava de saber quantos mais iam deixando de existir. Mas, mesmo lendo todos os jornais, era impossível ter uma idéia exata. Andava sozinho pelas ruas e, se encontrava algum casal de namorados, não podia deixar de me lembrar que também nós havíamos passeado juntos por jardins e avenidas e eu não suspeitava que ficaria só. Eles também não se lembravam que um dia, um estaria sozinho, aumentando a solidão do mundo e talvez passasse então a viver como eu: olhando a vida agitar-se em redor sem tomar parte nela, apenas esperando pacientemente o fim da solidão.”

Não gostava que ninguém o confortasse quando terminava a sua história. Preferia o silêncio. Procurava com os olhos algum ponto fixo no espaço e ficava muito tempo absorto, olhando o vazio. A vida não tinha sentido para ele, e a solidão pesava-lhe como um fardo que precisava arrancar de si. O seu rosto era feito de tristeza e resignação, em qualquer parte, contava sempre a mesma história.

## VISÕES NOTURNAS

Estranho, não saber aonde levam os próprios passos. Mas não importa. Não importa aonde vá, que caminhe ao acaso, sem destino. Quero apenas esquecer os pensamentos que me preocupam, que me deprimem, que quase me impedem até de respirar.

A noite está fria. O vento sopra forte. Agrada-me o cheiro de maresia que êle traz. Encosto-me ao parapeito da ponte e respiro êste ar profundamente. Sinto-o percorrer-me, chegar aos pulmões. O ar frio faz-me bem, deixa-me mais calmo.

Lá embaixo, o rio passa devagar. Hoje está mais cheio. Os anúncios luminosos apagam e acendem e refletem as suas côres na água. A cidade iluminada cheira a progresso e civilização, mas, aqui, no meio de tôda esta gente que a habita, estou mais só do que num planêta estranho e desabitado.

Voltaram os maus pensamentos. Não consigo libertar-me. Parece que o vejo a todo instante: rosto vermelho e suarento, olhos muito abertos por trás dos óculos redondos de aros grossos — “Já atendeu o Dr. Fulano? Faça isto, faça aquilo... O balcão está cheio de gente!...” — e não o posso mandar para o inferno. Sinto que a qualquer momento perderei a paciência, e então, tenho certeza, as coisas mudarão.

Um cego passa por mim apalpando o chão com uma bengala. Sujo, esfarrapado, implora uma esmola, erguendo de vez em quando a voz numa lamúria triste. Deve ter também os seus problemas, talvez até mais graves do que os meus. Um bando de moleques cerca o cego, tiram-lhe a bengala. Êle tenta apanhá-los. Desorientado, corre para um lado e para o outro com os braços estendidos como a brincar de cabra-cega. Os moleques fogem, correm com a bengala. Passam por mim, estão sujos, descalços, riem muito, gritam palavrões. Atiraram no rio a bengala do cego.

A água escura desliba calmamente. Os néons apagam e

acendem e a água reflete um brilho trêmulo, fantástico. Lembro-me de uns versos que li não sei onde:

*Cuidado ó minha Dor, não sejas tão hostil.  
Reclamavas a Tarde; ei-la que vem descendo:  
Cobre a cidade tôda uma treva sutil,  
A uns trazendo a inquietude, a outros a paz trazendo.*

Gostaria de ser um poeta e pôr nos meus versos tôda a solidão e angústia do mundo.

Hoje ela telefonou. Chorava. Ouvi um soluço que deixou escapar. Prometi-lhe ir vê-la amanhã, mas não irei. Tenho pena, mas que posso eu fazer? Afinal, não sou apenas eu que me aborreço com a vida, não sou apenas eu que tenho problemas. Nem todos vivem como querem e, isso não deixa de ser um consôlo. Mas não é uma solução. O mundo inteiro em desespêro não me deixaria mais conformado.

Há quanto tempo estarei aqui? horas talvez. Não sinto passar o tempo. Há pouco, uma mulher muito pintada, cheirando a perfume barato, aproximou-se de mim e pediu-me um cigarro. Eu não fumo, ela afastou-se sem dizer palavra.

O frio torna-se mais intenso. Ando um pouco. A cidade agora está quase silenciosa e algumas luzes apagaram-se. Os carros passam rápidos para lá e para cá. Há pouca gente na rua, só nos bares e casas noturnas ainda resta algum vida. Sinto-me cansado. O relógio do edifício do Correio marca quase uma da madrugada. É tarde, volto para casa.

REALIDADE OU PESADELO?